

Fundação Armando Álvares Penteado  
Faculdade de Comunicação  
Cinema Brasileiro I  
Prof. André Gatti

*O Cineasta da Selva,*  
de Aurélio Michiles



Bianca Gonçalves Bueno  
4G – cinema noturno

A história do cinema brasileiro é cheia de lacunas. Não se sabe quem fez filmes, quando os fez e se os filmes realmente existiram. Boa parte dos filmes não existem mais. De outros, restam apenas trechos. Os que restaram dão uma vaga idéia do que é o cinema brasileiro, principalmente seu início. O filme *O Cineasta da Selva* nos mostra esse panorama. O filme em questão fala sobre a vida do cineasta Silvino Santos, um dos pioneiros do cinema nacional.

O filme é um misto de documentário e ficção: não tendo material suficiente para abordar a carreira do cineasta pois boa parte de seus filmes se perdeu, o diretor optou por misturar trechos que ainda restam de filmes de Silvino com reconstituição e narrações. José de Abreu faz o papel de Silvino Santos no filme, narrando fatos da vida de Silvino em primeira pessoa ou interpretando, interpretando cenas que ocorreram na vida do cineasta. Boa parte do filme foi escrita baseada em relatos, publicações de jornais, revistas da época e nas anotações de Silvino.

Como boa parte dos pioneiros, Silvino não era brasileiro: era português, nascido em Sernache do Bonjardim, em Portugal, nascido um ano depois da “invenção” do cinematógrafo. Ele foi atraído, como muitos estrangeiros, pelas belezas naturais do Brasil – em seu caso, do Rio Amazonas – sobre o qual viria a realizar um filme anos mais tarde. Aos quatorze anos, Silvino desembarca em Belém, acompanhado de seu tio e por aqui permanece. Pertencente a uma família abastada, ele não precisaria procurar oportunidades no Brasil, mas seu espírito aventureiro faz com que busque oportunidades e acaba indo trabalhar com o fotógrafo e pintor Leonel Rocha. Este acaba sendo seu grande mestre.

Em 1910, já especializado em fotografia e pintura, ele se estabelece em Manaus, que ainda estava no auge do Ciclo da Borracha. Dois anos mais tarde, o cônsul do Peru em Manaus o convida para viajar até o rio Putumaio onde realiza fotos dos índios. As despesas da viagem seriam pagas por Júlio César Arana, um dos acionistas da Peruvian Amazon Rubber Company. Depois de dois meses de trabalho na selva, as fotos são reveladas no laboratório da Peruvian em Iquitos e levadas a Londres, onde Arana residia. Arana é acusado em Londres de escravizar os indígenas. Sabendo do impacto das novas imagens em movimento envia Silvino em 1913 para os estúdios Pathé-Frères em Paris e ao laboratório dos irmãos Lumière para que fizesse um estágio e pesquisasse combinações químicas de emulsões que resistissem ao clima tropical.

Pouco depois ele retorna com 2.000 metros de negativo, munido de uma câmera Pathé para realizar um documentário, para ser enviado em defesa de Arana, mostrando o trabalho dos índios. Nesse meio tempo, Silvino havia conhecido Ana Maria Shermuly, afilhada de Arana, com a qual se casa em Iquitos. A lua-de-mel dos dois foi realizada em plena selva enquanto o cineasta realizava as filmagens. Durante dois meses, ele registrou os costumes dos indígenas nas áreas de seringal da Peruvian. Os negativos foram enviados à Europa para revelação, mas o navio que os levava afunda, perdendo-se os negativos. De volta a Manaus com a câmera Pathé, realiza alguns filmes de propaganda, entretando, sua principal fonte de lucro continuava a ser a fotografia.

No ano de 1918, ele funda, com alguns comerciantes, a Amazonia Cine Film. O cinegrafista, claro, era Silvino, e os outros entravam com o capital. Realizam alguns documentários e Silvino parte para seu grande sonho: a realização de um filme sobre o Rio Amazonas. *Amazonas o maior rio do mundo* consome três anos de filmagens, mas acaba sendo enganado e perde os negativos. Assim, a Amazonia Cine Film vai à falência.

Em 1920, acaba sendo contratado por outro barão da borracha, o comendador J. G. Araújo, que também tinha uma empresa com várias lojas em Manaus e Porto Velho. Esse emprego foi conseguido através da cavação: Silvino foi oferecer seus serviços a J. G. Araújo como boa parte dos cineastas brasileiros da época fazia. Silvino realiza um filme de propaganda sobre o Amazonas e as prósperas empresas de J. G. Araújo. Este filme acabou sendo exibido na exposição do centenário da Independência no Rio, em 1922. O filme, intitulado *No país das amazonas*, foi o primeiro longa-metragem rodado inteiramente no Amazonas, sendo um sucesso.

As filmagens de *No país das amazonas* foram realizadas entre 1920 e 1922. O filme obteve sucesso de público e crítica: o Amazonas tornava-se conhecido em todo o Brasil. Ele recebeu a medalha de ouro da Exposição do Centenário e teve versões em Inglês, Francês e Alemão, sendo exibido na Europa e Estados Unidos. O filme exaltava as belezas naturais da Amazônia, sua exuberância, o progresso econômico representado pelas empresas de J. G. Araújo e uma visão nacionalista das possibilidades econômicas da região. A perfeição técnica e qualidade das imagens, aliadas ao conteúdo foram fatores que auxiliaram na divulgação do filme.

Aproveitando sua estadia no Rio, durante a Exposição do Centenário, Silvino filma imagens da Capital Federal e realiza o longa-metragem *Terra Encantada*. Em 1924, como cinegrafista da expedição de Hamilton Rice às cabeceiras do Rio Branco, filma novos povos indígenas e faz as primeiras tomadas aéreas do Brasil. O resultado desses quase onze meses de filmagem foi o longa-metragem *No Rastro do Eldorado*, produzido por J. G. Araújo e Rice. Dois anos depois, volta para Portugal onde realiza 35 documentários sobre as regiões e hábitos portugueses. Realiza, também, *Miss Portugal*, sobre o primeiro concurso de Miss Universo. Mais tarde, esses curtas serão organizados em um longa sonorizado com o nome de *Terra Portuguesa*.

No ano de 1934, J. G. Araújo desativa a produção de filmes e desloca os serviços de Silvino para outras atividades. Ele nunca mais voltaria a filmar documentários sobre a região e os índios. Ao longo dos anos, Silvino acompanhou a família Araújo realizando diversos filmes formando uma crônica familiar. O cineasta é esquecido durante muitos anos, só tendo seu pioneirismo reconhecido em 1969, quando é homenageado durante a realização do primeiro Festival Norte de Cinema. Falece em 14 de maio do ano seguinte aos 84 anos.

## Outras considerações

Silvino Santos pertence ao chamado ciclo do Amazonas, juntamente com o Major Tomas Reis. O cinema brasileiro sempre foi um cinema instável. A produção variava conforme a época e a região que fosse mais produtiva cinematograficamente no momento. Assim, boa parte dos historiadores costuma dividir a história do nosso cinema em ciclos. O ciclo da amazônia é formado predominantemente por documentários de cunho antropológico sobre os índios da região. Silvino foi um pioneiro do documentário antropológico com povos indígenas ainda que não seja reconhecido por isso. Há também a exploração das belezas naturais e do potencial econômico da região. O ciclo de Manaus está ligado ao ciclo da borracha. O declínio deste ocasionou o declínio das produções cinematográficas locais.

Como já foi dito anteriormente, Silvino, assim como boa parte dos pioneiros do cinema era estrangeiro. Muito mais suscetíveis às novas formas de entretenimento, esses estrangeiros viram no cinema potencial para enriquecer. Embora quase incipiente, graças a esses “desbravadores”, o cinema nacional começou a se desenvolver mesmo que de modo irregular e inconstante.

Assim como na época de Silvino, o cinema nacional ainda sofre na hora de realizar seus filmes. A participação do Estado sempre foi muito pequena ou nula ao longo da história de nosso cinema. Os cineastas tinham e ainda tem que buscar o patrocínio para realizar seus filmes em empresas privadas. Na época de Silvino, os cineastas iam oferecer seus serviços para pessoas ricas interessadas na novidade do cinema para promover seus empreendimentos. Era o que se chamou de “cavação”. Eles “cavavam” recursos para realizar os filmes, visto que não havia e ainda não há uma indústria cinematográfica nacional.

O cinema nacional sempre foi carente de recursos ainda mais na época de Silvino em que começava a nascer o cinema brasileiro. Diante da falta de recursos, Silvino sempre tentou se adaptar ao que tinha: revelava seus filmes em plena selva improvisando laboratórios embaixo de árvores ou onde fosse possível; realizava tomadas criativas mesmo com a pouca mobilidade permitida pelas regiões em que realizava seus filmes. Assim como boa parte de nossos cineastas, Silvino foi um sobrevivente diante das dificuldades em realizar filmes no Brasil.

### Bibliografia:

COSTA, Selda Vale da. *Eldorado das Ilusões: cinema e sociedade – Manaus (1897-1935)*. Manaus: Editora da Universidade do Amazona, 1996.

COSTA, Selda Vale da & LOBO, Narciso Júlio Freire. *No rastro de Silvino Santos*. Manaus: SCA/Edições Governo do Estado, 1987.

RAMOS, Fernão & MIRANDA, Luiz Felipe (orgs.). *Enciclopedia do cinema brasileiro*. São Paulo: Editora Senac, 2000.

RAMOS, Fernão. *História do cinema brasileiro*. São Paulo: Art Editora, 1987.